

UNIVERSIDADE CATOLICA DE MOÇAMBIQUE

Instituto de Educação a Distância – Chimoio

Ética, Emoções e Disciplina na Relação Professor-Aluno no Contexto Digital

Lucas Alberto

Código: 708224621

Chimoio, Maio 2025

Folha de feedback

Categorias	Indicadores	Padrões	Classificação		
			Pontuação máxima	Nota do tutor	Subtotal
Estrutura	Aspectos organizacionais	Índice	0.5		
		Introdução	0.5		
		Discussão	0.5		
		Conclusão	0.5		
		Bibliografia	0.5		
Conteúdo	Introdução	Contextualização (indicação clara do problema)	2.0		
		Descrição dos objectivos	1.0		
		Metodologia adequada ao objecto do trabalho	2.0		
	Análise e discussão	Articulação e domínio do discurso académico (expressão escrita cuidada, coerência/coesão textual)	3.0		
		Revisão bibliográfica nacional e internacional relevante na área de estudo	2.0		
		Exploração de dados	2.5		
	Conclusão	Contributos teóricos e práticos	2.0		
Aspectos gerais	Formatação	Paginação, tipo e tamanho de letra, paragrafo, espaçamento entre as linhas	1.0		
Referências bibliográficas	Normas APA 6ª edição em citações e bibliografia	Rigor e coerência das citações/referencias bibliográficas	2.0		

ÍNDICE

1 Introdução.....	1
1.1 Resumo.....	1
1.2 Justificativa.....	1
1.3 Problema.....	1
1.4 Objetivo Geral	2
1.5 Objetivos Específicos	2
2 Ética, Emoções e Disciplina na Relação Professor-Aluno no Contexto Digital	3
2.1 O comportamento da aluna e a ética digital	3
2.2 A reação da professora: autoridade ou descontrole?	4
2.3 A gestão de conflitos e a mediação educativa	5
2.4 Padrões de conduta docente e a discricionarietà	6
3 Metodologia usada na pesquisa.....	7
5 Considerações finais.....	8
6 Bibliografia.....	9

1 Introdução

O presente trabalho retrata sobre ética, emoções e disciplina na relação professor-aluno no contexto digital. O advento das redes sociais alterou significativamente a forma como os indivíduos se comunicam, inclusive dentro do ambiente educacional. A convivência entre professores e alunos não se limita mais à sala de aula, passando também a ocorrer no espaço virtual. Diante disso, surgem novas problemáticas éticas e pedagógicas relacionadas ao uso inadequado da internet por parte dos estudantes, bem como às respostas dos educadores a tais situações.

O trabalho possui a seguinte estrutura: capa, folha de feedback, índice, introdução, desenvolvimento, considerações finais e bibliografia.

1.1 Resumo

Este trabalho analisa um caso concreto ocorrido em ambiente escolar, no qual uma professora confrontou uma aluna por ter publicado um tweet ofensivo. O estudo visa refletir sobre o comportamento da aluna, as atitudes da professora e os limites da autoridade docente. São exploradas abordagens pedagógicas adequadas à resolução de conflitos e as implicações do comportamento ético no exercício da docência. A pesquisa fundamenta-se em normas éticas, princípios de convivência escolar e o papel da mediação de conflitos.

1.2 Justificativa

A crescente presença de conflitos virtuais envolvendo estudantes e professores exige uma análise aprofundada das implicações sociais, emocionais e pedagógicas desses acontecimentos. A forma como os professores lidam com tais situações pode impactar diretamente o ambiente escolar, a autoridade docente e a formação ética dos alunos. Este estudo busca contribuir para a reflexão sobre práticas pedagógicas mais humanizadas, responsáveis e eficazes.

1.3 Problema

Como os professores devem agir diante de comportamentos ofensivos praticados por alunos nas redes sociais, mantendo a autoridade e promovendo uma educação ética e respeitosa?

1.4 Objetivo Geral

- ✓ Analisar, com base em um caso concreto, as implicações éticas, emocionais e pedagógicas envolvidas na relação entre professores e alunos no contexto digital, considerando o comportamento discente, a resposta docente e os limites da autoridade no ambiente escolar contemporâneo.

1.5 Objetivos Específicos

- ✓ Descrever o comportamento da aluna à luz dos princípios de ética e convivência escolar;
- ✓ Avaliar a atitude da professora diante do episódio ocorrido;
- ✓ Refletir sobre práticas pedagógicas adequadas para lidar com conflitos de natureza ética e emocional no ambiente escolar;
- ✓ Apresentar os limites da autoridade docente diante de situações de desrespeito ocorridas nas redes sociais.

2 Ética, Emoções e Disciplina na Relação Professor-Aluno no Contexto Digital

2.1 O comportamento da aluna e a ética digital

O comportamento da aluna que publicou mensagens ofensivas sobre sua professora nas redes sociais revela uma falha significativa em sua compreensão sobre ética digital e convivência. Embora a internet proporcione liberdade de expressão, essa liberdade não exime o indivíduo das responsabilidades quanto às consequências de suas palavras. No ambiente escolar, comportamentos como esse afetam a autoridade do professor e o clima pedagógico, colocando em risco a confiança mútua que deve existir entre os atores educacionais.

O fato da aluna justificar seu comportamento como resultado de estar “chateada” evidencia a impulsividade juvenil, comum na adolescência, mas não pode ser encarado como justificativa suficiente. O espaço digital não deve ser visto como uma extensão sem limites da vida pessoal, mas sim como um ambiente social que exige conduta ética e respeito, especialmente no que diz respeito à convivência escolar. Os jovens precisam ser educados para entender que o que se publica online tem impactos reais.

Além disso, a publicação de mensagens com linguagem obscena configura não apenas uma infração moral, mas também pode ser interpretada como um ato de cyberbullying, o que agrava ainda mais a situação. De acordo com a legislação de muitos países, atitudes ofensivas praticadas em ambientes virtuais podem ser enquadradas como crimes contra a honra, como difamação ou injúria. Por isso, é fundamental promover a cidadania digital desde os primeiros anos escolares (Ribeiro, 2017).

A escola tem papel central na formação ética e digital dos alunos. Promover debates, palestras e atividades que abordem o uso responsável das redes sociais pode prevenir incidentes semelhantes. É essencial ensinar aos alunos que liberdade de expressão implica responsabilidade e que as palavras, mesmo no ambiente virtual, têm peso, poder e consequências. Esse aprendizado é um dos pilares para uma convivência mais justa e respeitosa.

Por fim, o episódio reforça a necessidade de inserir a ética digital nos currículos escolares de forma mais sistemática. Os estudantes precisam ser preparados para viver numa sociedade cada vez mais conectada, aprendendo a pensar antes de publicar e a respeitar os

limites da convivência online. Como aponta Tapscott (2009), a geração digital precisa de orientação ética sólida para não cair nos riscos da exposição imprudente e da desinformação.

2.2 A reação da professora: autoridade ou descontrole?

A atitude da professora ao confrontar a aluna em sala de aula e exigir um pedido de desculpas público revela uma reação humana, mas que pode ser interpretada como imprudente do ponto de vista pedagógico. É compreensível que ela tenha se sentido ofendida, afinal, sua imagem profissional foi atacada em um espaço público. No entanto, a forma como ela lidou com o conflito, de maneira impulsiva e punitiva, compromete a autoridade educativa que deve ser construída com base no diálogo e na mediação.

Segundo Libâneo (2012), o exercício da autoridade docente deve se pautar no equilíbrio emocional, na ética e na capacidade de transformar conflitos em oportunidades de aprendizagem. A exposição pública da aluna pode ter provocado constrangimento e humilhação, o que, em vez de educar, pode gerar ressentimento e afastamento da estudante em relação à escola. Ao agir dessa forma, a professora pode ter ultrapassado os limites de uma intervenção pedagógica equilibrada.

A reação imediata da professora, ao exigir um pedido de desculpas em frente à turma, pode ter servido para reafirmar sua autoridade diante dos demais alunos, mas não necessariamente produziu aprendizado ético. Ao contrário, tal atitude corre o risco de ser vista como vingativa, especialmente quando ela posteriormente se refere aos alunos como “pirralhos”. Esse termo pejorativo indica que a professora também cedeu à emoção e se distanciou da postura profissional esperada.

Em situações delicadas como essa, é essencial que o educador busque o apoio da equipe pedagógica ou da gestão escolar, antes de tomar decisões impulsivas. Uma reunião com os pais da aluna ou um momento reservado de conversa poderiam ter contribuído para uma solução mais educativa. Além disso, envolver a turma em uma reflexão coletiva sobre ética digital, sem expor nominalmente a aluna, poderia ter sido mais eficaz em termos pedagógicos.

Dessa forma, percebe-se que, apesar do direito à indignação, a professora perdeu uma oportunidade de aplicar uma abordagem mais construtiva e educativa. Libâneo (2012) destaca

que o papel do professor não é apenas transmitir conhecimento, mas também formar valores, e isso exige postura reflexiva, empática e pedagógica, mesmo diante de desafios emocionais.

2.3 A gestão de conflitos e a mediação educativa

A mediação de conflitos é uma das competências mais importantes na prática educativa contemporânea. O conflito entre a professora e a aluna poderia ter sido transformado em uma experiência pedagógica valiosa se tivesse sido conduzido sob a perspectiva da mediação. A mediação educativa, segundo Tiba (2010), busca promover o diálogo, a escuta e o entendimento entre as partes, sem recorrer à punição direta ou à exposição pública.

A escolha da professora por uma abordagem punitiva, ainda que informal, demonstrou ausência de estratégias de resolução de conflitos baseadas no diálogo. Quando um educador opta por um confronto direto em sala de aula, especialmente com exigências públicas, corre-se o risco de transformar um espaço de aprendizagem em um palco de tensão. Isso pode abalar a confiança dos alunos na figura do professor e comprometer o processo pedagógico.

A mediação exige que o professor esteja emocionalmente disponível para escutar e compreender o que motivou o comportamento inadequado do aluno, sem, no entanto, legitimar tal atitude. No caso analisado, a justificativa da aluna de estar “chateada” poderia ter servido como ponto de partida para um processo de empatia e responsabilização. Tiba (2010) argumenta que mediar não é ignorar o erro, mas sim conduzir à reflexão sobre ele.

Além disso, a escola deve desenvolver uma cultura institucional voltada para a mediação de conflitos. Isso implica formar professores para lidarem com situações complexas e garantir que haja canais estruturados de escuta e intervenção. Um ambiente onde o erro é tratado com violência simbólica ou constrangimento tende a produzir evasão, resistência e conflitos recorrentes. A mediação, por outro lado, educa para a convivência.

Portanto, o episódio analisado indica a necessidade urgente de políticas internas voltadas à gestão de conflitos escolares. A adoção de práticas restaurativas, como círculos de diálogo e pactos de convivência, pode reduzir significativamente os episódios de desrespeito e fortalecer os vínculos entre alunos e professores. Como afirma Tiba (2010), o educador deve ser sempre um exemplo de equilíbrio, justiça e diálogo.

2.4 Padrões de conduta docente e a discricionariedade

Os professores exercem uma função social complexa, que vai além da transmissão de conteúdo. Eles são, em muitos aspectos, formadores de valores e referências éticas para os alunos. Isso exige que os educadores mantenham um padrão de conduta compatível com sua missão pedagógica. Paulo Freire (1996) destaca que ensinar exige ética, coragem e coerência, características fundamentais para manter a credibilidade e o respeito no exercício da docência.

Embora os professores devam ter liberdade para agir de acordo com as especificidades do contexto, essa discricionariedade precisa estar subordinada a princípios éticos e educacionais. No caso analisado, a professora escolheu um caminho emocional e punitivo, que destoou do ideal freiriano de educação como prática da liberdade. Freire defendia o diálogo como base de qualquer processo educativo e não o autoritarismo ou o revanchismo.

A discricção, quando mal compreendida, pode tornar-se um terreno perigoso. Permitir que professores ajam com base em reações emocionais, sem orientação ética ou institucional, abre espaço para abusos, arbitrariedades e violações dos direitos dos alunos. Da mesma forma, impor regras engessadas pode inibir a criatividade e a autonomia docente. O equilíbrio entre liberdade e responsabilidade deve ser construído coletivamente.

Os professores precisam de formação continuada que os capacite para lidar com os dilemas morais e emocionais da prática docente. A escola deve criar espaços de escuta e acolhimento também para os educadores, que muitas vezes lidam com tensões sem suporte adequado. A ausência de políticas institucionais para tratar do bem-estar do professor contribui para reações inadequadas, como a da professora no caso em análise.

Assim, reafirma-se que a conduta dos professores deve ser orientada por princípios pedagógicos sólidos. A autoridade docente não se sustenta na imposição, mas na legitimidade construída pelo exemplo e pela coerência. Freire (1996) nos ensina que o educador deve ser um ser ético por excelência, alguém que forma pelo que diz e principalmente pelo que faz.

3 Metodologia usada na pesquisa

Este estudo foi desenvolvido com base em uma abordagem qualitativa, centrada na análise interpretativa de um caso prático ocorrido no ambiente escolar. A escolha por essa abordagem se justifica pela natureza subjetiva e complexa dos elementos envolvidos, como emoções, relações interpessoais e decisões pedagógicas.

Para embasar a análise, foram consultadas obras de referência nas áreas de educação, ética, cidadania digital e gestão de conflitos escolares. A investigação apoiou-se principalmente em fontes teóricas de autores consagrados, como Paulo Freire, José Carlos Libâneo, Içami Tiba e Don Tapscott, utilizando-se o sistema de citações da American Psychological Association (APA), 6ª edição. As obras foram selecionadas com base na relevância e aplicabilidade ao tema tratado.

O caso analisado foi descrito como ponto de partida para a reflexão crítica, sendo decomposto em quatro dimensões principais: o comportamento da aluna, a resposta da professora, a mediação de conflitos e os padrões de conduta esperados dos docentes. A partir dessas categorias, buscou-se compreender os desdobramentos do episódio e propor alternativas mais educativas e equilibradas.

O estudo foi conduzido de maneira teórico-reflexiva, considerando tanto os aspectos emocionais quanto os pedagógicos envolvidos na interação entre professora e aluna. A interpretação do caso foi orientada por princípios éticos, com foco na promoção de uma cultura escolar pautada no respeito, no diálogo e na formação cidadã.

A construção do trabalho ocorreu de forma estruturada, partindo da problematização inicial até a formulação de considerações finais. Ao longo da análise, procurou-se manter um olhar crítico, respeitoso e fundamentado nas contribuições acadêmicas que tratam da ética educacional, da autoridade docente e dos desafios contemporâneos da prática pedagógica.

5 Considerações finais

Com base na análise do caso apresentado, tornou-se evidente a complexidade das relações entre professores e alunos no contexto das redes sociais. A investigação qualitativa, centrada na reflexão interpretativa e fundamentada em autores renomados, permitiu compreender as múltiplas dimensões éticas, emocionais e pedagógicas envolvidas nesse tipo de conflito. A abordagem teórica destacou que tanto o comportamento da aluna quanto a reação da professora são influenciados por fatores emocionais, culturais e institucionais que precisam ser considerados para promover uma convivência escolar saudável.

O estudo revelou que a aluna agiu movida por um momento de impetuosidade, evidenciando a necessidade de maior educação para a responsabilidade digital. Por outro lado, a resposta da professora, embora compreensível, demonstrou falta de estratégias pedagógicas voltadas para a mediação de conflitos, o que acabou por potencializar o confronto. Tal situação reforça a importância de práticas educativas que priorizem o diálogo, a empatia e o desenvolvimento da cidadania digital, evitando a imposição autoritária e o constrangimento público.

A análise também ressaltou que o exercício da autoridade docente deve equilibrar a liberdade de atuação com princípios éticos claros, garantindo que as decisões tomadas promovam o crescimento moral e emocional dos estudantes. Para isso, o ambiente escolar precisa estar preparado para apoiar os professores, oferecendo formação contínua e mecanismos adequados para a gestão de conflitos. Assim, a escola poderá fortalecer a sua função formativa, promovendo um espaço seguro e respeitoso para todos.

Em suma, este trabalho evidencia que a convivência entre professores e alunos na era digital demanda um olhar mais cuidadoso e estratégico, que leve em conta as novas dinâmicas de interação e os desafios que emergem das tecnologias. Investir em formação ética, em diálogo e em práticas restaurativas são caminhos essenciais para construir um ambiente educativo onde o respeito e a responsabilidade sejam valores compartilhados e cultivados continuamente.

6 Bibliografia

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Libâneo, J. C. (2012). *Didática*. São Paulo: Cortez.

Ribeiro, C. M. (2017). *Educação e ética: Um olhar sobre a convivência escolar*. Belo Horizonte: Autêntica.

Tapscott, D. (2009). *Geração digital: A ascensão da geração Net*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Tiba, I. (2010). *Disciplina: Limite na medida certa*. São Paulo: Gente.